



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Lembranças da infância: uma leitura das imagens e as aventuras do caminho da escola

Marta Castro dos Santos^I

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir a leitura de imagens do cotidiano, que se apresentavam no meu trajeto na floresta para se chegar à escola, seus percalços e dificuldades, que fizeram parte do meu processo educacional, nos primeiros anos na escola.

Palavras-chave: Leitura de Imagens; Cotidiano; Caminhos da Escola.

Childhood memories: a reading of the images and the adventure of the School Journey

Abstract: The objective of this article is to read everyday images which appeared on my path through the forest to get to school. It's mishaps and difficulties, which were part of my educational process, in the first years at school.

Keywords: Images Reading; Daily - life; School-Paths.

Lembranças da Infância: Leitura das imagens do cotidiano na floresta

Eu sempre lembrava meu avô, orgulhoso de sua origem. Ele me havia feito sentir orgulho também. Ele me havia ensinado quão bonito era ter uma origem, um povo, uma raiz, uma ancestralidade. [...] – Quando os pássaros vierem te visitar em sonho, é bom ouvi-los, pois são os ancestrais que vêm junto com eles para dar forças e lembrar quem você é.

Daniel Munduruku.

Não escolhemos as imagens que veremos ao longo da nossa trajetória nesta vida, assim como, não escolhemos o lugar onde nascemos, a que raça pertenceremos e as

SANTOS, M. C.

experiências que teremos. As imagens são e fazem parte do nosso cotidiano desde que nascemos até o último dia da nossa existência, imagens essas que ficarão finalizadas em nossa memória, como descreve Manguel:^{II}

Em algum momento do século XVI, o eminente ensaísta Francis Bacon observou que, para os antigos, todas as imagens que o mundo dispõe diante de nós já se acham encerradas em nossa memória desde o nascimento.[...] Se isso for verdade, estamos todos refletidos de algum modo nas numerosas e distintas imagens que nos rodeiam, uma vez que elas já são parte daquilo que somos: imagens que criamos e imagens que emolduramos; imagens que compomos fisicamente, à mão, e imagens que se formam espontaneamente na imaginação; imagens de rostos, árvores, prédios, nuvens, paisagens, instrumentos, água, fogo, e imagens daquelas imagens[...] Quer descubramos nessas imagens circundantes lembranças desbotadas de uma beleza que, em outros tempos, foi nossa[...]^{III}

Em meio a tantas imagens da infância, trago nas minhas lembranças, imagens que passam por meus pensamentos como um filme. Lembro-me quando vovó e eu andávamos aproximadamente uma hora em uma trilha, chamada de “caminho” por meus parentes, debaixo da floresta densa, com árvores de mais de 40 metros de altura. Íamos de *paneiros* nas costas ao encontro de meu avô que retornava da pescaria trazendo o peixe para nos alimentar e dividir com outras famílias.^{IV} Sentadas a sombra de uma *cuieira* – árvore que produz fruto que serve de utensílio doméstico versátil, usado no cotidiano caboclo e nos rituais indígenas –, ainda distante, eu reconhecia as remadas do meu avô, o harmonioso balé das correntezas do rio, do remo e de sua canoa. Enquanto criança, não conseguia ler as imagens e não entendia o significado do ato, muito menos que este era um processo de transmissão de saberes do valor de ser caboclo índio e do convívio harmonioso do homem nativo e o meio em que vivíamos. Só com o passar do tempo pude compreender o significado dessas imagens. Manguel^V, traz um certo conforto, quando descreve, que:

[...] Com o decorrer do tempo, podemos ver mais ou menos coisas em uma imagem, sondar mais fundo e descobrir mais detalhes, associar e combinar outras imagens, emprestar-lhe palavras para contar o que vemos, mas, em si mesma, uma imagem existe no espaço que ocupa, independente do tempo que reservamos para contemplá-la:[...]^{VI}

SANTOS, M. C.

Nossa casa era confeccionada de troncos de árvores e coberta de palha. Minha avó, meus tios e as crianças da família teciam a palha – chamada de esteiras – para dar um acabamento bonito a moradia; todas as palhas eram amarradas com cipó. A casa não possuía divisórias, era um grande salão com chão de terra batida, com troncos em vários lugares para amarrar nossas redes ou estender nossas esteiras de dormir quando nossas redes rasgavam. Era ali que toda a família, numerosa, descansava a noite ou durante os dias chuvosos.

Era uma casa diferente das tradicionais ocas, pois possuía janelas e duas portas – uma de saída e outra de entrada. A cozinha ficava na extensão da casa: era um barracão de troncos de árvores coberto de palha, com as laterais abertas. Tinha um fogão de lenha feito de barro, a mesa rústica feita de madeira e o *jirau*, confeccionado com tronco de árvore e madeira rústica, onde era armazenada a água, preparado o peixe e lavado os utensílios usados na cozinha. Ao lado ficava a casa de farinha.

Nós acordávamos cedo, com o nascer do sol em meio a exuberante e densa floresta Amazônica, chamada de centro. O galo e os pássaros cantavam, minha avó levantava de sua rede e ia direto para cozinha, pegava a cuia, a língua de pirarucu e o guaraná em bastão, para fazer a tradicional bebida matinal do Sateré Mawé, o *Çapó*, que segundo explica Almeida^{VII} é;

A bebida à base de guaraná consumida pelos sateré-mawé, denominada *çapó*, é sempre preparada pela mulher do anfitrião. Ela enche a cuia até um quarto do seu volume total e rala o bastão na língua do pirarucu ou em uma pedra lisa de basalto. Oferece a bebida primeiro ao marido e depois a passa a todos os presentes, de acordo com a proximidade. Mesmo sem vontade, os visitantes não devem recusar, bebendo ao menos um pequeno gole. Ninguém deve acabar com a mistura, mas bebê-la em goles mínimos até que a cuia chegue de volta às mãos do anfitrião. Ele a devolve para sua esposa, que continua ralando o guaraná para preparar nova rodada de *çapó*.^{VIII}

Eu sentava próximo ao meu avô; mamãe e meus tios sentavam-se ao lado da minha avó em roda, enquanto ela ralava o guaraná na cuia. Durante esse processo eram planejadas as atividades do dia, pois não pensávamos no futuro; vivíamos intensamente um dia de cada vez, e todos partilhavam o líquido sagrado, como sangue que corre pelas

SANTOS, M. C.

veias de um corpo humano, em uma dinâmica uníssona e perfeita. Depois de todo o ritual sagrado matinal do *Çapó*, então começava as atividades do dia.

As mulheres da casa preparavam o café da manhã, que era composto de peixes assados, peixes cozidos em panelas de barro, regado de muita farinha de mandioca. As vezes tinha chá de ervas da floresta, como cascas de preciosa, de castanheira, de laranjinha, entre outras. Para acompanhar comíamos várias espécies de tubérculos, como macaxeira, batata-doce ou cará, todos cozidos em panelas de barro. Após o desjejum, todos faziam suas atividades cotidianas: as mulheres iam para roça com as crianças ou dedicavam-se às atividades manuais, como fazer utensílios de barro para uso doméstico, tecer paneiros e esteiras. Os homens dedicavam-se a caça e a pesca, como também ao trabalho na roça.

No final da tarde, todos desciam até o rio para banha-se e tirar todo o *pitiú* e fazer a limpeza do corpo, tirar o suor da lida na roça e dos afazeres domésticos^{IX}. Após o banho, as crianças ficavam encarregadas de abastecer e acender as *lamparinas*, fazer a fogueira e pegar ervas para o chá^X.

Em noites de luar, os mais velhos gostavam de sentar-se ao redor da fogueira para contar as histórias de seus ancestrais e das aventuras de suas caçadas e da pescaria.

O dia da *farinhada* era uma verdadeira festa, tanto para as crianças como para os adultos, pois outras famílias eram convidadas para fazer a farinha – o famoso *puxirum*, atividade coletiva de troca de trabalho. Todos divertiam-se fazendo a farinhada: risadas, narrativas das histórias antigas, dos mitos e formação do mundo, histórias de pescarias e caçadas, de *visagens*...^{XI} que também é uma forma de educação indígena, conforme descreve Cintrão:^{XII}

A dinâmica da farinhada faz parte da educação indígena, não simplesmente por ela mesma, mas por que toda a sociedade [...] toma parte dela e isto reflete em um processo natural e espontâneo, refletindo em todos os atos e gestos das crianças e dos adultos nesse contexto. As crianças ficam felizes em participar junto do trabalho, consideram esse momento como lazer, pois brincam ao redor da casa de farinha e deixam seus pais trabalharem à vontade.^{XIII}

Enquanto *cunhantãins* e *curumins* aprendíamos o significado do trabalho coletivo, os saberes tradicionais que são repassados na prática e através das narrativas dos mais velhos no cotidiano. As narrativas é parte da construção da educação e faz parte do

SANTOS, M. C.

processo de aprendizagem do ser caboclo índio, para que possamos construir nossas próprias narrativas, conforme ressalta Manguel:^{XIV}

Construímos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do auto-reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos crepúsculos, das ingenuidades, da compaixão, do engenho.^{XV}

Com o passar do tempo conseguimos ver mais detalhes em uma imagem, e de certa forma compreendê-las, como também, construir nossas próprias narrativas através dos ecos de outras narrativas e de novas experiências vivenciadas, a qual trataremos a seguir.

1. Aventuras do caminho da Escola

Recordo-me dos desafios regados de muitas aventuras para ir à escola oficial do branco, “aquela que é aceita pela sociedade dos não índio”, aquela que de certa forma nos aprisiona, nos impõe padrões e não respeita nossas peculiaridades e processo de aprendizagem ao qual estávamos adaptados como *cunhantãins* e *curumins*. No qual o nosso tempo é o tempo das florestas e a nossa velocidade é a velocidade dos rios.

Os caminhos percorridos para ter acesso a escola eram difíceis e perigosos; no entanto, não tínhamos noção dos perigos e de quanto a vida era dura, conforme descreve Souza:^{XVI}

A vida sempre foi dura. Desde muito cedo aprendi que para viver na floresta era necessário entender as variadas formas de vivências e inquietudes que tecem a dinâmica social e cultural de nossa gente. Como que em um diálogo imprescindível à sobrevivência da vida fui descobrindo os segredos, mitos e lendas que tomam conta da floresta e que se mostram e se escondem nas explicações dos fenômenos naturais e sobrenaturais do homem e da mulher da floresta. Foi observando e ouvindo as histórias[...]que passei a entender os significados de bravura e determinação, enfrentamentos e embates constitutivos da vida difícil da floresta, mas que é também perpassada de solidariedade e compromisso com as pessoas mais próximas.^{XVII}

O compromisso e a solidariedade do homem nativo da floresta com o outro, estão nos detalhes, como por exemplo no preparo do material escolar, como descreverei a seguir.

SANTOS, M. C.

Não se tinha material escolar, nem uniforme, nem sapatos adequados para ir à escola – local sagrado, onde não podia entrar de forma profana e de qualquer jeito. Meus parentes faziam as farinhadas para vender na Vila onde localizava-se a escola. Com a venda da farinha minha mãe, ou minha avó, comprava folhas de papel almaço, papel de embrulho na cor goiaba, lápis, borracha, agulha e linha para preparar o material escolar. Minha mãe, que sabia ler e assinar o nome, preparava meu material: cortava o papel almaço ao meio; costurava com agulha e linha; e encapava meu caderno com o papel de embrulho de cor goiaba – um artigo de luxo, que nem sempre dava para comprar – ou, quando não conseguia, com revistas. Ela numerava folha por folha o meu caderno, e essas folhas eram conferidas diariamente no meu retorno da escola, com muito rigor. Mamãe também dividia meu lápis em dois, que só podia ser apontado por ela ou por um adulto da família, pois um lápis tinha a obrigação de durar um semestre inteiro. As folhas de papel almaço sempre eram transformadas em dois cadernos e um único lápis em dois. O lápis e os cadernos quase sempre eram compartilhados com outra criança de outra família que não tinha condições de adquirir o material escolar, pois a família era numerosa e seus pais não tinha condições de comprar para todos os filhos. Este também era um processo de educação: a partilha, o pensar no outro.

Não tínhamos bolsas ou mochilas; nosso material escolar era transportado em sacolas plásticas de cor branca, em pequenos *paneiros*, ou amarrado com fibras de árvores chamadas de *enviras*. Nossos pés sempre descalços, pois o chinelo – havaianas ou tupi – era um luxo reservado somente para o uso dentro do espaço escolar. Chinelo que também era transportado junto com o material escolar, nas costas. Muitas vezes, quando arrebentava, costurávamos com agulha e linha de náilon ou colocávamos arrame ou prego para prolongar o seu tempo de uso.

Reuniam-se várias(os) *cunhantãs* e *curumins* com idades entre 5 e 12 anos – com suas sacolas de plástico, *paneiros* ou *enviras* nas costas, transportando seus materiais escolares e seus chinelos – todos em minha casa, para fazermos juntos a peregrinação até a escola.

Nossos parentes ficavam orgulhosos, pois seus filhos e netos estavam tendo acesso à escola para aprender a ler e escrever, oportunidade que eles não tiveram quando eram crianças. Minha mãe e minha avó falavam “é preciso estudar, para fazer parte da sociedade e não ter o mesmo futuro que nós tivemos, quem sabe você vire professora ou

SANTOS, M. C.

vá trabalhar na cidade grande”. Em suas palavras, elas, talvez de certa forma, entendessem que, como expõe Petit,^{XVIII} “manipular a escrita permite aumentar o prestígio junto a seus semelhantes”.

O caminho da escola começava... Era aproximadamente 1 hora de caminhada por debaixo da floresta. A caminhada era cheia de aventuras. Quando nós nos deparávamos com alguma pegada fresca de onça no caminho, sentíamos seu cheiro característico ou ouvíamos o seu urro, corríamos desesperados pelo caminho. Desde muito cedo aprendemos a reconhecer os sons da floresta, as pegadas dos animais silvestres, seus cheiros característicos e, o mais importante é “respeitá-los” e conviver em harmonia. No caso da onça, urra quando quer a floresta só para ela, e é sorradeira e não emite som algum quando está em caçada.

No período chuvoso, ou seja, no inverno amazônico, época das enchentes dos rios, o caminho da escola possuía mais obstáculos, pois em certa parte do trajeto surgia um pequeno rio de aproximadamente uns 40 metros de largura. Tínhamos que tirar as roupas e colocá-las em barquinhas de babaçu junto com o material escolar e fazer a travessia a nado. Nos divertíamos muito.

Enfim, chegávamos a escola, ela era construída de tronco de árvore, coberta de palha e com o assoalho de madeira. Era aberta, tinha uma pequena escada, também de madeira, com 4 degraus. No primeiro degrau havia um balde com água para lavar os pés e calçar os chinelos. Ao adentrar a professora nos recebia: todos sentávamos ao redor de uma grande mesa e a professora separava os *curumins* e *cunhantãs* por série – que ia de 1º ao 4º ano do ensino fundamental. Nossa professora nos ensinava muitas coisas que para nós eram estranhas e sem significado algum, como, por exemplo, a espirrar, sentar e comer com colher como o não índio. No entanto ela seria um dos elos para o acesso ao saber oficialmente aceito, o qual trataremos na sequência.

2. O mediador como facilitador do acesso ao saber.

Voltemos as imagens da infância para dialogar com Michele Petit em seu livro “Os Jovens e a leitura – Uma nova perspectiva(2008). Recordo-me do meu avó e de sua paixão

SANTOS, M. C.

pelos livros, foi ele o meu primeiro mediador. Um autodidata, que nunca teve o privilégio de colocar seus pés na escola. No entanto, aprendeu a escrever e decifrar sozinho aqueles pontinhos negros no papel branco(livros), esses tais pontinhos que nos iluminam o caminho e nos faz viajar nas asas da imaginação, nas palavras de Petit^{XIX}, é fato de que o livro abre uma porta para sonhar, ele permite elaborar um mundo próprio.

Na nossa casa não tinha nada, mais tinha alguns livros velhos e duas ou três revistas “Manchete” guardados em um lugar especial. A revista Manchete, era a que eu mais gostava, pois tinha imagens vibrantes cheia de cores, até parecia uma “arara”. Elas eram manuseadas exclusivamente por ele, o vovô, com toda a atenção e cuidado do mundo, aquelas mãos tão ásperas e cheias de calosidade adquiridas ao longo da vida, nas caçada, pescaria e lida na roça, tornavam-se como plumas macias ao tocar as revistas.

As imagens da revista, eram selecionadas por ele e jamais podíamos tocá-las, apenas observar, também não sei de onde vinham, talvez meu avô conseguia adquirir-las como os *regatões*,^I que passavam de tempos em tempos trazendo novidades da cidade grande. Vovó sempre falava, “não mecham no ouro do seu avó”.

Nos raros momentos em que ele não estava trabalhando, gostava de mostrar as imagens que continham naquelas revistas e livros velhos de folhas amareladas pelo tempo, até hoje não sei ao certo, se aquelas história que ele narrava, se estava realmente lendo no livro ou simplesmente estava usando a imaginação para tentar explicar aqueles desenhos e imagens que ali havia.

Meu avó foi quem apresentou o livro a mim pela primeira vez, foi quem abriu as portas para a aprendizagem da leitura de acordo com o que escreve Moreira^{XX}:

Não devemos esquecer que a aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras, quando os pais através de canções de ninar ou de histórias infantis, estimulam as crianças a gostar de ler, elas com isso descobrem a magia da leitura pelo fascínio das letras, gravuras, sílabas que habitam o livro, levando-as ao mundo da curiosidade. Todo o desenvolvimento intelectual, social e afetivo da criança desenvolverá com maior enriquecimento quando desde cedo sua habilidade de entender o mundo é trabalhada pelas leituras diversas, principalmente pelas leituras infantis que a leva outro mundo e a permite compreender a sociedade a sua volta.^{XXI}

SANTOS, M. C.

Nesse processo de aprendizagem da leitura, meu avô, desempenhou um papel chave para ampliar meus horizontes através da leitura. De acordo com Petit^{XXII}, a leitura, na realidade, é uma promessa de não pertencer somente a um pequeno círculo. [...] a leitura permite romper o isolamento pois possibilita o acesso a espaços mais amplos.

A leitura nos permite ampliar os círculos de pertencimentos, nos leva para além de nossos limites territoriais, nos tira do isolamento, tira as “*escamas de pirarucu*”^{XXIII} dos nossos olhos, permitindo que vejamos novas possibilidades de que antes não conseguíamos vislumbrar, nos prepara para o mundo.

Segundo Petit^{XXIV} a leitura contribui para criar um pouco de “jogo” no tabuleiro social, para que jovens se tornem um pouco mais atores de suas próprias vidas, um pouco mais donos de seus destinos e não somente objetos do discurso dos outros.

Par ter acesso ao saber oficialmente aceito pela sociedade, nas palavras de Petit^{XXV} “a leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais e, sendo assim, pode modificar as linhas de nosso destino escolar, profissional e social. Que de fato foi o que aconteceu no percurso da minha vida.

Algumas Considerações

O processo de construção da leitura não é só uma fonte de prazer, é também uma fonte de sabedoria e ascensão no mundo, principalmente para os menos favorecidos e os historicamente subjugados.

A leitura é a mola propulsora na libertação do sujeito possibilitando-o a realizar reflexões e desenvolver ações para a construção da cidadania e desenvolvimento humano, promovendo movimento no tabuleiro social.

Ter acesso a leitura é um direito de todos, independentemente da classe social, permitindo o exercício pleno da cidadania, possibilitando o sujeito reescrever e contar sua própria história, reinventando-se, vivendo nossas inquietudes rumo ao seu crescimento intelectual e libertador. Nesse percurso o papel do mediador é fundamental.

Notas

SANTOS, M. C.

^I Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis-RJ. Email: marta_santos55@hotmail.com.

^{II} (2001).

^{III} (MANGUEL, 2001, p. 20; 21).

^{IV} Paneiro: é uma cestaria indígena versátil, tecida com fibras vegetais, em geral com cipó-titica ou palha, utilizado o transporte de alimentos, como peixes, farinha, sementes, frutos coletados na floresta, etc. É também utilizado para transportar crianças de colo.

^V (2001).

^{VI} (MANGUEL, 2001, p. 25).

^{VII} (2007).

^{VIII} (MANGUEL, 2001, p. 28).

^{IX} Pitiú: Cheiro forte, geralmente associado ao peixe.

^X Lamparina: Pequeno candeeiro feito de lata, com um pavio de algodão embebido em querosene.

^{XI} Visagens: Alma de outro mundo, assombração, fantasma.

^{XII} (2012).

^{XIII} (CINTRÃO, 2012, p. 37).

^{XIV} (2001).

^{XV} (MANGUEL, 2001, p. 28).

^{XVI} (2013).

^{XVII} (SOUZA, 2013, p. 18).

^{XVIII} (2008).

^{XIX} (2008).

^{XX} (2013).

^{XXI} (MOREIRA, 2013, p.19).

^{XXII} Regatão: Eram comerciantes dos rios amazônicos, que navegavam os rios em pequenos barcos ou mesmo canoas levando as mais diversas mercadorias para vender ou trocar com os produtos regionais, que iam desde animais e peixes até a borracha.

^{XXIII} O Pirarucu é um dos maiores peixes de água doce que habita a bacia Amazônica, chegando a alcançar até no máximo 3m de comprimento e a pesar até 200 Kg, ele possui escamas densas e resistentes. Suas escamas são utilizadas para confecção de máscaras para rituais indígenas.

^{XXIV} (2008).

^{XXV} (2008).

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Juliana. **Memória dos brasileiros: saberes e fazeres: o guaraná de Maués**. São Paulo: Museu da Pessoa, 2007.

CINTRÃO, Nubia Lira. **A singularidade da farinhada em território indígena: Um estudo na sociedade Maraguá em Nova Olinda do Norte-Am, no período da seca e cheia dos rios**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

FRAISSE, Emmanuel; POMPOUGNAC, Jean-Claude; POULAIN, Martine. **Representações e imagens da leitura**. Tradução de Oswaldo Biato. São Paulo: Ática, 1997.

FREIRE, Sérgio. **Amazonês – Expressões e termos usados no Amazonas**. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2017.

MANGUEL, Alberto Texto: **O espectador comum: A imagem como narrativa**, in Alberto Manguel. **Lendo Imagens**, Companhia das Letras, págs. 15/33.

SANTOS, M. C.

MOREIRA, Márcia Greid Brito. **A formação de leitores e a perspectiva de políticas públicas para a leitura em Manaus.** 2013. 139f. Dissertação(Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória.** São Paulo: Studio Nobel, 2001.

PETIT, Michèle. **Os Jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** ed. 34, São Paulo, 2008.

SOUZA, José Valderí Farias de. **Educação do campo e da floresta: um olhar sobre a formação docente no Programa Asas da Florestania no alto Juruá/AC.** 2013. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.